
**Rememoração no espaço artístico-literário
lusó-brasileiro: entrevista com Rosa Esteves,
museóloga e artista visual, sobrinha-neta de
Eunice Peregrina de Caldas**

*Remembrance in the Luso-Brazilian artistic-literary space:
interview with Rosa Esteves, museologist and visual artist,
great-niece of Eunice Peregrina de Caldas*

Julie Oliveira da Silva
Université Sorbonne Nouvelle – EA 172 (CERC)

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n50a849>

RESUMO

Eunice Peregrina de Caldas, figura pioneira do feminismo no Brasil, tendo atuado na fundação do Liceu Feminino Santista (Caputo, 2008, p. 21), foi também uma poetisa e autora de inúmeras obras, incluindo a antologia *Amphitrite* (1924). Seu nome, por outro lado, figura somente em um dicionário literário brasileiro: o primeiro volume da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (Coutinho et al, 2001). A pesquisadora Melissa Mendes Caputo conseguiu reunir diversos elementos biográficos desta escritora, mas sobressalta a dificuldade deste feito e denuncia a “ausência de uma mentalidade histórica e cultural de preservação” (Caputo, 2008, p. 21). Isto se trata de uma tendência repetida em diversos quadros transnacionais: no período que segue o fim da *Belle Époque*, gradualmente, uma parte da cena literária se enfraquece, especialmente a dos escritos homoeróticos e femininos, devido à repressão e aos movimentos de censura entre 1920-1930. Assim, atestamos um desaparecimento quase total de documentos de ordem primária relacionados a algumas dessas escritoras.

Em diversos níveis, o acesso aos espólios dessas autoras é, senão limitado, completamente inexistente. Numa perspectiva de reconstrução, a fim de preencher algumas lacunas biobibliográficas, o interesse deste trabalho é de abordar essa questão no espaço literário luso-brasileiro, a partir do caso de Eunice Caldas, abordando também os modos de rememoração no espaço artístico, por meio da entrevista com a artista Rosa Esteves.

PALAVRAS-CHAVE: Eunice Peregrina de Caldas; Arte; Lembrança; Resgate; *Scavenger methodology*.

ABSTRACT

Eunice Peregrina de Caldas, a pioneering figure of feminism in Brazil, having helped to found the *Liceu Feminino Santista* (Caputo, 2008, p. 21), was also a poet and author of numerous works, including the anthology *Amphitrite* (1924). Her name, on the other hand, only appears in one Brazilian literary dictionary: the first volume of the *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (Coutinho et al, 2001). Researcher Melissa Mendes Caputo has managed to bring together various biographical elements of this writer, but she emphasises the difficulty of this feat and denounces the “absence of a historical and cultural mentality of preservation” (Caputo, 2008, p. 21). This is a process that repeats in various transnational frameworks: in the period following the end of the Belle Époque, part of the literary scene gradually weakened, especially homoerotic and women’s writing, due to repression and censorship movements between 1920-1930. As a result, primary documents relating to some of these writers have almost completely disappeared. At various levels, access to the collections of these authors is, if not limited, completely non-existent. In a perspective of reconstruction, in order to fill in some biobibliographical gaps, the interest of this work is to address this issue in the Luso-Brazilian literary space, starting with the case of Eunice Caldas, also addressing the modes of remembrance in the artistic space, through the interview with the artist Rosa Esteves.

KEYWORDS: Eunice Peregrina de Caldas; Art; Remembrance; Rescue; *Scavenger methodology*.

INTRODUÇÃO

Artista visual e museóloga, Rosa Esteves desenvolve sua produção na área de fotografia, gravura, objeto escultórico e performance. Ela questiona o universo feminino, por meio da exploração de arquétipos que dizem respeito ao corpo feminino na arte. Explora também as questões referentes aos efeitos do tempo sobre o corpo e à memória corporal, apresentando discussões sob um viés autobiográfico.

O trabalho de Rosa Esteves pode ser visto como uma arte orgânica e única, em que as obras são criadas uma a partir da outra, sem rompimentos, em um ato criativo contínuo, como uma espécie de investigação que se aprofunda, em que respostas geram novas perguntas, impedindo a paralisação da ação (Oliveira, 2013, s/p).

É formada em Artes Plásticas e Mestre em Museologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Vive e trabalha em São Paulo. Realizou 23 exposições individuais e mais de 70 exposições coletivas no Brasil e no exterior. Recebeu diversos prêmios, tem textos e catálogos publicados, bem como obras integrando não só coleções de importantes museus brasileiros, mas também coleções de museus internacionais.

De uma experiência de infância e das memórias que ficaram, Rosa Esteves produz imagens que aproximam distâncias, colocando em uma mesma cena espaços de diferentes lugares. Suas fotografias são ‘caleidoscópios oníricos que subvertem a realidade’ (Horta, 2018, s/p).

Diversas obras de Rosa Esteves são dedicadas à sua tia-bisavó, a escritora, pedagoga e pioneira do feminismo no Brasil, Eunice Peregrina de Caldas, completamente esquecida pela historiografia literária brasileira.

Somente duas dissertações, até hoje, foram dedicadas à memória de Eunice Caldas, sendo a dissertação de Melissa M. S. Caputo, “Eu-

nice Caldas: uma voz feminina no silêncio da história (1879-1967)” (Universidade Católica de Santos, 2008), voltada para seu papel de educadora; e a de Julie O. da Silva “Intertextualités, projections et réécritures de Sappho par des voix féminines et lesbiennes au XXe siècle. Une étude comparatiste de la poésie de Judith Teixeira et Eunice Caldas dans le sillage de Renée Vivien” (Sorbonne Nouvelle, 2023), voltada para a análise e tradução de seus poemas.

1- ENTREVISTA

Julie O. da Silva (JS): Tendo descoberto e percorrido a sua galeria virtual (rosaesteves.com), é inegável o eco *euniciano* nas suas obras, tais como *De todo o coração* (2013), *A casa da minha tia* (2014), *O Espírito Feminino* (2020), *Louca* (2020), e *Seu Retrato* (2012-2021). Você poderia fazer uma introdução sobre como você teve a ideia de fazer um levantamento biográfico e de começar a pesquisar a cronologia da sua tia-bisavó Eunice Peregrina de Caldas?

Rosa Esteves (RE): Tenho pensado muito no início deste trabalho, acho que foi a conjunção de alguns fatores. Em 2003, eu era diretora do Museu Vital Brazil, que fica em Campanha, Minas Gerais, e recebi de minha tia alguns livros que Eunice havia escrito. Como seria possível ela ter escrito tanta coisa? Naquele dia resolvi que eu iria resgatar a sua história. Resolvi criar, então, uma obra para a tia Nicinha. Desenvolvi a ideia em torno de uma série de corações que seriam feitos em porcelana. Fiz vários, mas me deparei com um problema, não sabia como finalizar o projeto. Me dei conta que eu não sabia quem era essa minha tia-bisavó.

Era alguém que tinha sido internada, uma “tia louca”, como diziam. Houve uma série de coincidências neste período, havia uma pesquisadora da cidade de Santos que estaria pesquisando, para o mestrado, a sua atuação como educadora. Entrei em contato com ela e começamos a trocar informações. Conversando com um amigo,

ele me indicou um livro da pesquisadora Maria Clementina Pereira Cunha sobre o sanatório do Juquery, onde Eunice foi internada pela primeira vez, em 1910. Mergulhei nesta leitura e, na página 151, deparei-me com ela e, assim, comecei a entrar no mundo silencioso de Eunice.

A partir deste momento, estabeleci algumas metas: realizar uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental, em busca de qualquer documento, foto, recorte de jornal, qualquer informação, por mínima que fosse, seria importante para traçar a sua cronologia e entender o que se passou com ela (não sei se seria possível, mas, de qualquer forma, naquele momento, pensei nesta possibilidade).

JS: Você poderia falar sobre as estratégias e metodologias de resgate que você utiliza nas diferentes fases de concepção e realização dessas obras?

RE: Desde o início da pesquisa, pretendia usar as informações coletadas para o desenvolvimento de algumas obras. O primeiro resultado, em poética visual, foi a exposição *de todo coração*, apresentada na Graphias – Casa da Gravura, em 2012. Nos nove anos que antecederam a mostra, elaborei várias obras, algumas a partir das fotografias que eu possuía de Eunice, e outras com os corações de porcelana.

A primeira coisa que fiz foi vasculhar no acervo familiar – correspondências, cartões postais, fotografias, dedicatórias, certidões e os livros de sua autoria –, procurando alguma informação que fosse útil. Iniciei uma pesquisa documental em busca de fontes primárias, realizada em vários arquivos públicos e privados. Este levantamento buscava informações sobre sua atuação profissional e pessoal. Foram mais de vinte mil documentos pesquisados. Paralelamente, iniciei uma pesquisa bibliográfica, em bibliotecas e em artigos científicos que pudessem ter novas informações sobre Eunice Caldas ou

auxiliar no entendimento e conhecimento do cenário cultural de época, abrangendo vários assuntos, como educação nas escolas no século XIX/XX, literatura feminina, loucura e outros.

Esse mergulho em busca de Eunice virou uma obsessão, e, conforme a sua vida começava a se delinear, foram surgindo ideias para a elaboração de algumas das obras. Acho difícil explicar como isso acontece... você fica mergulhado em um assunto e, quando menos espera, uma ideia surge. Foi o que aconteceu com um dos trabalhos que compõem a exposição *de todo coração*. Ao dormir me propus sonhar com algumas das fotografias que havia feito. Visualizei o momento da ação e me detive em algumas das imagens. Num segundo momento, imediatamente ao acordar, registrei os textos que estavam em meu pensamento. Ainda de olhos fechados, coloquei essas palavras no papel e utilizei na foto-instalação “Memórias submersas ou Prisioneira da passagem”.

Transcrevo aqui:

Figura 1



Fonte: Acervo pessoal de Rosa Esteves

18/10/2010 – Imagens que me vêm em camadas. Um silêncio como se estivesse embaixo d'água. Cenas sobrepostas, impressas em algo translúcido. Difícil saber o que é realidade. Talvez por estar tanto tempo dormindo, num vai e vem flutuante.

Imagens duram segundos, fluem indecisas, mas posso perceber que são muitas, aprisionadas pelo tempo, mas que estão lá desde o início. É tão bonito! São espessas e as ondas me confundem. Também me encantam e é tranquilo estar aqui. Será que, em alguma delas, eu encontro a camada certa? Será que um dia vou conseguir sair, ela vai me encontrar? Por enquanto só ouço a água...

Figura 2



Fonte: Acervo pessoal de Rosa Esteves

24/10/2010 – Cheiro de terra úmida. A única fonte de luz é a que entra pela abertura do teto. Uma réstia de sol do meio-dia, trêmula e muda a cada minuto. Está prestes a acabar, penetra como uma faca e fere meus olhos, habituados com a escuridão. O silêncio interno é quebrado pelo barulho do mato abafado que chega, um mundo de

pequenos ruídos. Ouço o rio lá embaixo. E eles estão lá como sempre, esperando por meu toque.

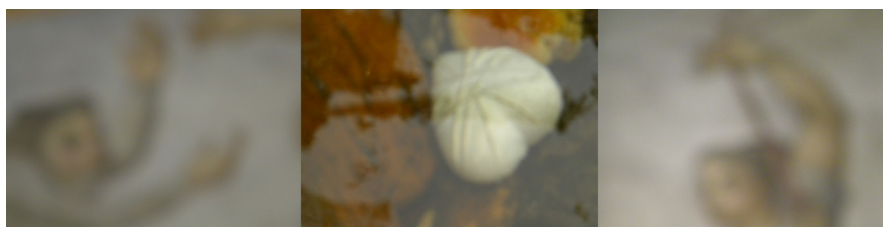
Figura 3



Fonte: Acervo pessoal de Rosa Esteves

24/10/2010 – Sonhos destruídos, desconstruídos, diluídos, deformados. Escorrem pelos meus dedos, meio derretidos, fluidos, líquidos como a água.

Figura 4



Fonte: Acervo pessoal de Rosa Esteves

26/10/2010 – Como segurar uma imagem que teima em fugir?

Os dedos esticam. Camadas de tecido fino, como teias de aranha, impedem o toque e arrepiam a pele ao contato. São tão encantadoras que nos forçam a tentar novamente.

A visão é turva, mesmo abrindo bem os olhos.

É muito difícil pensar em uma metodologia de trabalho quando se trata de uma poética visual, ela surge da necessidade de se expressar, de tornar “concreta” uma ideia. Muitas vezes é através da fotografia, outras da gravura ou de uma ação performática. Às vezes, essas mídias se contaminam. Quase sempre a reflexão sobre aquela obra vem depois dela finalizada, e encontramos textos que possam referenciá-la. No meu trabalho, essas obras muitas vezes se desdobram em outras e, assim, sucessivamente.

JS: Sobre a relação entre Eunice Caldas e a família: de que maneira esta última encarava e/ou comentava sobre as relações amorosas dela? Por outro lado, o que a família, com inúmeras figuras de destaque em diversas áreas, como ciência, educação e artes, vê/via no trabalho da Eunice?

RE: No momento que me interessei por Eunice, as pessoas que haviam convivido com ela já haviam falecido. Acredito que a vida particular dela não fosse comentada em família. Minha avó dizia que ela era uma mulher culta que tinha ido aos Estados Unidos participar de um congresso. As poucas coisas que ficaram na família são as fotografias que estão comigo, alguns cartões postais enviados de viagens e seus livros com dedicatória. Sua vida intelectual se desvaneceu no tempo. Não consigo imaginar como os familiares viam sua produção, ou se interessavam pelo que ela fazia, acredito que, de certa forma, eles apoiavam as suas conquistas.

JS: Você poderia comentar sobre a formação da Eunice, tanto no sentido de formação acadêmica como linguística e literária? Aparentemente ela também estudou línguas, como o francês...

RE: Acho difícil, minha área de expressão é outra, não tenho facilidade com a palavra nem com a escrita, e nem poderia ou saberia comentar algo neste sentido.

JS: Como descobrir esse processo de silenciamento, apagamento e desaparecimento da Eunice Caldas te impactou como membro da família, como mulher e artista? A que você atribuiria o apagamento de Eunice na historiografia literária?

Rosa Esteves: Sim, isso me marcou muito. Principalmente o momento em que é internada, em 1930. Ela tinha acabado de fazer 50 anos. Muitos dos meus trabalhos neste momento começaram a ser múltiplos, sempre eram 50. Cinquenta *Pupas*, *Ex-votos*, *Deusas* e assim por diante. Nesta época, provavelmente, estaria na menopausa e essa mudança hormonal deve ter influenciado no seu transtorno de humor que culminou com a sua internação.

O apagamento no começo foi circunstancial, pois ela tinha ido aos Estados Unidos, numa iniciativa da Associação Brasileira de Educação e da Fundação Carnigie. No documento de entrada, consta como parte do corpo diplomático brasileiro, imagino que esse evento tenha causado certo desconforto entre os outros integrantes do grupo, e ele foi abafado. Ela ficou internada alguns dias em um sanatório em Nova Iorque e depois foi enviada ao Brasil. Uma matéria do jornal, de março deste ano (1930), anunciava a volta do grupo de professores e comentava que quatro haviam ficado nos Estados Unidos para aperfeiçoarem os estudos, entre eles consta Eunice Caldas. Ela já estava internada no Pinel desde 21 de fevereiro...

Depois, com o passar do tempo, provavelmente, ela não se recuperou e acabou ficando internada. Minha avó comentava que, quando ia visitá-la, ela não a reconhecia...

JS: Tratando especificamente das tuas obras, de que maneira o jogo entre *ausência* e *presença* dessa figura (Eunice) se manifesta? Quais obras visuais mais te marcaram no processo de pesquisa e de execução?

RE: Quando penso em Eunice, vejo sempre a questão da *tensão e ruptura*. Essa instabilidade que se instala em uma situação limite, é esse instante que me interessa. O momento da sua imersão num universo paralelo, múltiplo e não regido pela razão. Nas fotos da série *Memórias submersas ou Prisioneira da passagem*, a ruptura se dá no contraste entre luz e sombra; outras vezes ela se dá quando retiro a imagem de Eunice do contexto da fotografia, como na série *seu retrato*.

O momento da criação acontece quando você rompe a barreira do racional, você se liberta do “aprendido”, do conhecimento e da técnica. Geralmente são momentos onde tudo o que você coletou aparece espontaneamente, sem pensar. É um momento de plenitude, quando você e sua produção são unidos. Dura pouco, e não é sempre que acontece, mas, quando se dá, me aproximo de Eunice.

JS: Em uma de suas obras, *Louca* (2020), você cita um trecho literário que é intimamente ligado à história de Eunice Caldas e, a partir disso, você cria o fotolivro da instalação “Migrantes”,

Estou de novo aqui, e isto é..... Por que não dizer? Dói. Será por que venho? – Estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-nos de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue – e sempre outro. Hospício são flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em

escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o quê, porque Hospício é deus (Cançado, 1991).

Considerando, de um lado, a faceta poética de Eunice Caldas, sua biografia, e, por outro lado, o trabalho de resgate documentário e artístico que você realiza, segundo você, qual o sentido (conceitual e pessoal) que você atribui à relação entre as manifestações poéticas e artísticas?

RE: Leitura de textos acadêmicos, romances, filmes, obras de outros artistas, poesia, dança e música muitas vezes têm um ponto de contato com o que estou fazendo. Quando encontro uma obra que me toca, muitas vezes a sensação que tenho é como se eu me dissolvesse nela, como se eu fizesse parte integrante da obra. É muito gratificante quando encontro eco em outra obra, é como entrar em sincronia com o autor, porque você entende imediatamente aquilo que está vendo, ouvindo ou lendo, como no caso da Maura. Quando li o livro dela, aquilo me fez sentir o aprisionamento de Eunice e imediatamente eu sobre como elaborar o livro *Louca*.

JS: Durante o nosso primeiro contato telefônico (24 mar. 2023), você falou sobre a forma de imaginar e reinserir a Eunice Caldas em seu próprio tempo-espaco-ambiente e da ambição de resgatá-la de maneira imagética por meio de formas, objetos e o próprio texto, talvez pela forma de um *diário*. Poderias falar mais sobre esse projeto?

RE: Tenho um projeto, ainda sem nome, onde pretendo recriar, a partir da minha pesquisa documental, a vida de Eunice. Serão seis:

1. Diário Minas/SP/Rio de Janeiro, 1879 a 1892;

2. Diário São Paulo/Santos – Diretora – 1892 a 1910;
3. Diário Juquery, 1910;
4. Diário Viagem a Europa, 1912;
5. Diário São Paulo, 1916/1924;
6. Diário Pinel, 1930/1967.

Tenho um ponto de partida, são esses períodos que estabeleci, que vão tomando forma à medida que mergulho nas informações que coletei sobre sua vida. Inicialmente, separo tudo o que tenho sobre aquele momento – fotos, documentos, textos, e toda a contextualização histórica do período, que vai criar o cenário em que se desenvolve o diário. Imagino os possíveis livros que ela tenha lido, notícias de jornais, festas, viagens, passeios, imagens de anúncios, capas de revistas e alguns dos seus textos também.

JS: Por fim, quais fatos da vida da Eunice você considera impactantes para ela e quais você considera importantes serem mencionados para que possamos conhecer Eunice Caldas nos dias de hoje?

RE: Eu trabalhei bastante com o ano de 1912, o ano em que ela foi para Paris. Acredito que estar no “centro do mundo” possa ter influenciado seu pensamento e a visão de mundo. Transcrevo aqui parte de um projeto, que não consegui realizar:

No dia 15 de março de 1912, Eunice parte para a Europa, a bordo do Vapor Migellan, seu destino é Paris. Viaja acompanhada de sua irmã, seu cunhado e sua sobrinha Vitalina que pretende aperfeiçoar seus estudos de piano. Desembarcam num centro efervescente de cultura, considerada naquele momento o

centro internacional das artes – pintura, dança, música, teatro e literatura. Abrigava as entidades médicas e científicas mais respeitadas do momento e as instalações fabris mais moder-

nas. A face do futuro podia ser vista na liderança parisiense em campos tão novos quanto o cinema, a produção de automóveis e a aviação.¹

A partir deste momento, posso imaginar o que se passou durante o tempo em que estiveram morando no exterior. São poucas as informações: algumas fotografias e os cartões enviados aos familiares no Brasil. Penso também no impacto que foi desembarcar em Paris e receber uma explosão de informações, ela recém-saída de uma internação e morando em São Paulo.

Através dos carimbos do correio, no verso dos cartões, estabeleci uma cronologia dos locais onde ela esteve. Depois me detive nas imagens destes cartões, nas mensagens e destinatários. Em nenhum dos cartões enviados, havia o seu endereço em Paris.

Oito anos antes, Vitalina, então com dez anos, morou em Paris com seus pais e irmãos menores durante um ano. Então me apropriei deste endereço e coloquei-os para morar no mesmo apartamento da Avenue Orleans n.º 85 no 14a. Assim obtive um ponto fixo central de onde partiram seus deslocamentos pela cidade, e, com os cartões postais, será possível refazer os roteiros das viagens e as visitas aos museus, cem anos depois.

À medida que encontrava alguma informação sobre sua estada em Paris, acrescida dos fatos históricos que as leituras proporcionavam, mais me envolvia com este período, e ideias foram surgindo. Foi possível, então, estabelecer a espinha dorsal que serviria para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa e produção em arte: o território urbano, a errância e o caminhar, que me possibilitariam

¹ HOOBLER, Dorothy; HOOBLER, Thomas. *Os crimes de Paris – O roubo da Mona Lisa e o nascimento da criminologia moderna*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

construir uma história-rota estética por Paris. A utilização das mídias locativas veio como consequência do questionamento sobre a comunicação hoje em relação à comunicação de cem anos atrás.

Aqui começo a desenvolver a ficção sobre os passos de Eunice:

Imagino-a à deriva por uma Paris efervescente, livrarias, museus, concertos, passeios, o movimento na rua, andar de Metrô. Novidades que logo foram incorporadas e assimiladas por ela. Este território lúdico é material bruto para seus contos e memórias. O caminhar sem rumo possibilitou o entendimento consciente, ou não, desta nova cultura, refletida posteriormente na novela “Sobre o Atlântico – Diário de Mariana Carolina” em 1904, escrita em 1928.

Em um de seus passeios, ela conhece, na Livraria Hachette, Oswald, jovem escritor brasileiro, que viaja também pela primeira vez para a Europa. Em encontros posteriores, ele sugere que Eunice se deixe flunar por Paris, circular pela cidade com prazer e aventura, observar sem ser vista para perceber detalhes da realidade não visível.

Esta trama de caminhos pela cidade era o meu roteiro para a Paris de hoje e o estopim para o desenvolvimento da proposta que pretende cruzar estes cem anos.

RECEBIDO: 06/06/2023 APROVADO: 25/07/2023

REFERÊNCIAS

CALDAS, Eunice. *Amphitrite*. São Paulo: Typ. Paulista, 1924.

CAPUTO, Melissa Mendes Serrão. *Eunice Caldas – uma voz feminina no silêncio da História (1879-1967)*. Dissertação de Mestrado em Educação. Santos: Universidade Católica de Santos, 2008.

CANÇADO, Maura Lopes. *O Hospício é deus*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991. ISBN-10 : 8533200102.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante (Dirs.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2. ed. / rev., ampl., atual. e il. sob a coordenação de Graça

Coutinho e Rita Moutinho. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro: Global, 2001.

ESTEVES Rosa. *De todo coração*, 2013. Disponível em: <https://www.rosaesteves.com/de-todo-cora%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 24 mar. 2023.

ESTEVES Rosa. *A casa da minha tia*, 2014. Disponível em: <https://www.rosaesteves.com/a-casa-da-minha-tia>. Acesso em 24 mar. 2023.

ESTEVES Rosa. *O Espírito Feminino*, 2020. Disponível em: <https://www.rosaesteves.com/o-esp%C3%ADrito-feminino>. Acesso em 24 mar. 2023.

ESTEVES Rosa. *Louca*, 2020. Disponível em: <https://www.rosaesteves.com/louca-2020>. Acesso em 24 mar. 2023.

ESTEVES Rosa. *Eu e o mar*, 2020. Disponível em: <https://www.rosaesteves.com/eu-e-o-mar-2020>. Acesso em 24 mar. 2023.

HOUBLER, Dorothy; HOUBLER, Thomas. *Os crimes de Paris – O roubo da Mona Lisa e o nascimento da criminologia moderna*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HORTA, Vera. Apud: ESTEVES, Rosa. *Horizontes Internos*, 2019. Disponível em: <https://www.rosaesteves.com/horizontes-internos>. Acesso em 24 mar. 2023.

OLIVEIRA, Adrienne Firmo de. Apud: ESTEVES, Rosa, *Luz*, 2016. Disponível em: <https://www.rosaesteves.com/>. Acesso em 24 mar. 2023.

MINICURRÍCULO

JULIE OLIVEIRA DA SILVA é laureada de um contrato de doutorado em Literatura Francesa e Comparada na École Doctorale 120 da Université Sorbonne Nouvelle, onde é orientada por Mme. Claudine Le Blanc e co-orientada por M. Fernando Curopos. É membro do CERC - Centre d'Études et Recherches Comparatistes (EA 172). É mestre em Literatura Geral e Comparada pela mesma universidade. Sua pesquisa se concentra sobre escritoras e poetisas do final do século XIX e início do século XX em torno do tema sáfico. É graduada em Letras (Português/Francês) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quando participou de projeto de Iniciação Científica sob orientação de Eduardo da Cruz.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0416-1632>.